

NOTAS

- (1) BERDIAEV, N. *Essai d'Autobiographie spirituelle*, Paris, Buchet/Chastel, 1958, p. 114.
- (2) BERDIAEV, N. *Essai de Métaphysique eschatologique*, Paris, Audiber, s/d, p. 12-26.
- (3) BERDIAEV, N. *Essai d'Autobiographie spirituelle*, p. 363.
- (4) BERDIAEV, N. *Essai d'Autobiographie spirituelle*, p. 125.
- (5) BERDIAEV, N. *Esprit et Réalité* Paris, Aubier, 5 ss.
- (6) CAIN, LUCIENNE JULIEN, *Berdiaev en Russie*, Paris, Gallimard 1962.
- (7) BERDIAEV, N. *De L'Esclavage et de la Liberté de l'homme*, Paris, Aubier, s/d,
- (8) BERDIAEV, N. *Essai de Métaphysique eschatologique*, p. 122-130.
- (9) BERDIAEV, N. *Cinq méditations sur l'existence*, Paris, Aubier, 1936. p. 131-160.
- (10) BERDIAEV, N. *Vérité et Révélation*, Paris, Delachaux et Niestlé, 1954, p. 85-97.
- (11) BERDIAEV, N. *Essai de Métaphysique eschatologique*, p. 222-256.
- (12) BERDIAEV, N. *Le Sens de l'Histoire*, Paris, Aubier, p. 96 e ss.
- (13) BERDIAEV, N. *Le Sens de l'Histoire*, p. 100
- (14) BERDIAEV, N. *Le Sens de l'Histoire*, p. 111.
- (15) BERDIAEV, N. *Le Sens de l'Histoire*, p. 122.
- (16) BERDIAEV, N. *Le Sens de l'Histoire*, p. 156.

A ISTÓRIA DE FREI SANTA TERESA

JOSÉ ANTÔNIO GONSALVES DE MELLO

Na vasta bibliografia acêrca do período da dominação holandesa de Pernambuco, um dos livros menos conhecido é o que Frei João José de Santa Teresa, carmelita português, no século João de Noronha Freire, escreveu em italiano sob o título *Istoria delle guerre del Regno del Brasile, accadute tra la Corona di Portogallo e la Republica di Olanda* e publicou em Roma, em dois volumes, em 1698, na tipografia dos herdeiros de Corbelletti. (1)

José Honório Rodrigues, na sua *Bibliografia* do domínio holandês do Brasil, o melhor inventário existente sobre êsse episódio, diz apenas, quanto a êste livro, "que se trata de compilação pouco estimável", acrescentando na *Historiografia del Brasil, siglo XVII* que "es responsable de la creación de algunas leyendas, como la de la muerte del Almirante Adriaen Janszoon Pater envuelto en una bandera y exclamando que el mar era el único sepulcro digno de um almirante bátavo. El libro primero contiene una espécie de introdución, que trata desde el descubrimiento hasta la dominación portuguesa. En el segundo se describe ya la captura de Bahia (1624) y en el séptimo, con el qual termina la obra, la expulsión de los holandeses". (2)

O que se sabe sobre sua vida e sua obra deve-se ao bibliógrafo Diogo Barbosa Machado:

"Frei João José de Santa Teresa, chamado no século João de Noronha Freire, nasceu em Lisboa no ano de 1658, sendo filho de Francisco de Noronha, capitão dos malteses, escrivão dos seus privilegiados e tesoureiro da mesma Religião, e D. Ana Maria de Figueiredo. No Colégio pátrio de Santo Antão estudou letras humanas e filosofia, correspondendo o progresso,

que fêz em ambas estas applicações, à viveza do seu engenho e felicidade da sua memória. Para alcançar dispensa de contrair matrimônio com uma sua parenta passou a Roma no ano de 1678, onde movido de superior impulso preferiu o estado religioso ao conjugal, recebendo o hábito de Carmelita Descalço em o Convento de Santa Maria de Escada a 2 de fevereiro de 1680, quando contava 22 anos de idade. Feita a profissão solene se applicou novamente ao estudo da filosofia e frequentou o da teologia, em cujas faculdades saiu profundamente perito, assim como era nas línguas latina e italiana, que falou como a materna. Voltando à pátria no ano de 1698, onde ainda vivia no ano de 1733, com o lugar de Teólogo del Rei da Grã Bretanha. Fazem dêle memória Frei Martial, à D. Ioan. Batist., *Bib. Script. Carmel. Excalc.* p. 256 e Joseph Catalani, *Vit. Ven. P. Barthol do Quental* p. 129. Compôs: "*Finezze di Giesu Sacramentato verso l'huomo, e ingratitudine del huomo verso Giesu Sacramentato*". Florenza per Giov. Francesco Barbetti, 1690. 8. Milano per Ludovico Sciroli, 1693. 8. e outras vêzes reimpresso. Saiu esta obra traduzida em português pela Madre Soror Francisca Josefa de Noronha, religiosa Domínica no Convento de Nossa Senhora da Rosa, de Lisboa, irmã do Autor. Lisboa por Antônio Pedroso Galvão, 1722. 8, da qual se faz menção em seu lugar.

"*Istoria delle guerre del Regno del Brasile accadute tra la Corona di Porgallo e la Republica di Olanda Parte prima*". Roma nella Stamparia degl'heredi del Corbelletti, 1698, fol.

"*Parte seconda*". Roma, na mesma impressão e ano, fol.

"É escrita com estilo elegante, excelentemente impressa não sòmente pelo caráter, como pelas muitas estampas primorosamente abertas de que está tôda ornada, para cuja edição mandou El Rei Dom Pedro II cinco mil cruzados. Desta obra fazem menção o moderno adicionador da *Bib. Occid.* de Antônio de Leão tomo 2, tit. 12, col. 682 e Gemeli, *Giro del Mondo* liv. 3, cap. 18, fol. 518.

"Traduziu de português em italiano *Meditações da Sacratissima Paixão e Morte de Christo Senhor Nosso, compostas pelo V. Padre Bartholomeu do Quental da Congregação do Oratório*. Roma por Rossati & Borgiani, 1733.8.

"*Chronica da prodigiosa Vida de Maria Santissima Senho-*

ra Nossa. 1a. e 2a. parte, MS., fol. Conserva-se uma cópia na Biblioteca Mariana dos Padres da Congregação do Oratório desta Cidade e é volume de suma grandeza". (3)

Era descendente de Fernando de Noronha, como êle próprio o declara, ao referir-se à "Isola di San Giovanni, nomata volgarmente di Ferdinando de Norogna, suo primo conquistatore e mio settimo avolo" (I, p. 84); menciona ainda dois tios seus, falecidos durante a Batalha das Dunas (1639), entre as esquadras dos Almirantes D. Antônio de Oquendo e Marten Harpertszoon Tromp (I, p. 222). Ao dedicar sua obra ao Rei D. Pedro, recordou de si mesmo que "se bene depose la spada, che nel suo Real servizio impugnò nella più florida gioventù alcuni anni", ainda estava pronto a servi-lo com a pena. Tendo passado à Itália, onde "per l'assistenza di quasi venti anni continui" (em 1698) alcançou pleno domínio da língua, ali escreveu e publicou em 1690 uma obra religiosa, que teve larga aceitação, o que êle lembra, ao apresentar aos leitores da *Istoria* "le grazie del gradimento, che già avesti di altri miei sagri componimenti, poiche con forse inaudita fortuna viddero essi in cinque anni cinque volte in diverse torchi la luce, sparendo in un baleno più di quattro mile esemplari".

A *Istoria* era a primeira obra de tema profano que escrevia. As autorizações para exame e publicação estão datadas de 28 de fevereiro a 10 de setembro de 1697. Do ano seguinte está datada a folha de rosto dos dois volumes. Parece, porém, que o livro não teve o acolhimento que o anterior havia obtido, pois foi necessário proceder a uma segunda publicação, o que se fêz com a impressão de nova folha de rosto, reunindo-se os dois volumes em um só, em Roma, ano de 1700.

Do seu cuidado em referir apenas a verdade, afirmou: "hó procurato dimostrar nuda la varità in questi fogli". Das fontes históricas de que se utilizou para compor o livro informou: "ti posso accertare, o mio Lettore, che non riferisco quì avvenimento alcuno senza attentamente confrontarlo con le narrazioni di quelli che o scrissero di vista o minutamente m'informarono con assai accreditati originali". Escreveu sobretudo para leitores italianos: "e como io nell'Italia e per l'Italia scrivo, principalmente la conquista ed il riacquisto di un Regno poco noto alla medesima, non ti paia

superfluo l'essermi nel primo libro longamente diffuso in dimostrare che cosa sia il Brasile". E para melhor informação e gôzo do leitor "hò procurato darti quì sotto l'occhio non solo le Carte Geografiche di tutte el Regno del Brasile e distintamente delle sue provincie, mà ancora le Piante e le vedute delle più principali Citta e Fortezze dell'istesso Regno, alle quali puoi sicuramente prestar intera fede, mentre furono tutte con gran studio stratte da esatissimi originali, quali ritrovansi nella biblioteca dell'Eminentiss. Signor Cardinal Pietro Ottoboni, ch'essendo una delle più insigni di Europa, reca un sommo ornamento a Roma". Ottoboni (1610-91)), sabe-se, foi o Papa Alexandre VIII, que governou a Igreja de 1689 a 1691, tendo adquirido no seu pontificado, para o Vaticano, a livraria da Rainha Christina da Suécia (1626-89). O referir-se o autor, num livro publicado em 1698, ao "Eminentíssimo Senhor Cardinal Pietro Ottoboni", sem qualquer menção ao fato de que, desde 6 de outubro de 1689, isto é, nove anos antes, fôra o mesmo consagrado Papa, ainda ao de que, em 1 de fevereiro de 1691, falecera, justifica a presunção de que o texto manuscrito da obra tenha sido concluído antes daquela consagração. Há, ainda, a coincidência de o livro concluir com a notícia do segundo casamento do Rei D. Pedro II, o que ocorreu em 11 de agosto de 1687. É verdade que o Autor se refere à "numerosa e felice prole" dêsse casamento, o que se deve entender com relação aos cinco filhos havidos no período de 1688 a 1697; mas isto poderia ter sido acréscimo de último momento, pois consta das seis linhas finais do livro (II, p. 211).

Êste é dividido em duas partes, correspondendo cada uma aos dois volumes da obra. A primeira (e primeiro volume) abrange desde a descoberta do Brasil à Restauração de Portugal, de 1500 a 1640, contendo 10 páginas iniciais não numeradas (dedicatórias, licenças e prefácio) e 232 de texto, além de 16 não numeradas de índice. A segunda (e segundo volume) compreende os fatos posteriores à Restauração até o segundo casamento de D. Pedro II em 1687, tendo 211 páginas de texto, 17 não numeradas de índice e 2 páginas finais com o índice das estampas e a errata.

Não obstante a afirmativa do autor "che non riferisco quì avvenimento alcuno senza attentamente confrontarlo con le nar-

razioni", o seu livro contém graves erros, que não ocorrem nas fontes de que se utilizou para sua *Istoria*. Essas fontes, da parcialidade luso-brasileira, foram sobretudo duas, embora nunca as cite ou sequer as mencione em todo o texto. São elas os livros de Duarte de Albuquerque Coelho, *Memorias Diarias de la guerra del Brasil* (Madrid, 1654) e de Frei Rafael de Jesus, *O Castrioto Lusitano* (Lisboa 1679). Da facção holandesa utilizou-se não só do texto do fôlio de Casper van Baerle acêrca do govêrno do Conde de Nassau, publicado em Amsterdam em 1647, como de muitos dos desenhos e mapas que o ilustram, como diremos adiante. A Van Baerle refere-se uma vez (I, p. 128). Além destas três fontes serviu-se ainda de alguns manuscritos portugueses, que continham os votos do Conde de Odemira e do Bispo D. Sebastião César de Menezes, relativos às controvérsias que, na côrte de Lisboa, em 1646-48, se mantiveram sôbre se Portugal deveria conservar o Nordeste do Brasil ou entregá-lo aos holandeses (II, pp. 109|113). Êsses votos o Autor atribui ao ano de 1646, mas serão de 1647 ou, mais provàvelmente, de 1648, pois o do Conde de Odemira refere-se ao Padre Antônio Vieira (II, p. 110) e à sua opinião de abandonar Pernambuco aos flamengos, assunto que se debateu largamente dentro e fora dos conselhos da Coroa, nos anos de 1647-48. Fonte holandesa menor (talvez alguma das brochuras impressas na Holanda ao tempo da presença ali do Embaixador português Antônio de Sousa de Macedo, 1650-51) é a de que fêz uso para apresentar um parecer de 1651 de "il Signore di Vet, Presidente della Provincia di Zelanda". referência a Adriaen de Veth, membro dos Estados Gerais pela Província da Zelândia (II, pp. 178/180).

Não será difícil apontar, página por página da *Istoria*, as fontes de que se utilizou Frei Santa Teresa e os erros em que algumas vêzes incorreu por descuido; mas quanto àquelas o trabalho é desnecessário, pois as três principais, duas portuguesas e uma holandesa, já ficaram indicadas. Dos erros convém anotar alguns, pois dão a medida da pouca atenção com que leu as suas fontes de informação. Afirma que Matias de Albuquerque havia governado duas vêzes o Brasil (I, p. 89), quando foi governador por duas vêzes de Pernambuco (1620-26 e 1629-35) e apenas uma do Brasil (1624); diz que Pernambuco em 1630

era governado por Pedro Correia da Gama (I, p. 90), quando êste na verdade era Sargento-mor do Estado do Brasil e a quem o Rei mandou que se transferisse a Pernambuco a auxiliar Matias de Albuquerque na defesa dêste; que Jerônimo Serrão de Paiva morrera na luta travada no Pôrto de Tamandaré contra Lichthardt em 1645 (II, p. 72). Outros erros não podem ser explicados por leitura descuidada das fontes. Tal é o caso da morte do Almirante Pater, em cujo episódio, narrado por cronistas portugueses, acrescentou o pormenor de que o holandês ao se lançar ao mar o fizera “dicendo che solo tutto l’oceano era degno tumulo del suo invito cuore” (I, pp. 114/115); ou o da data do regresso à Holanda do Conde de Nassau, que indica como tendo ocorrido em 1642 (II, p. 41).

O Autor revela aversão ao Conde-Duque de Olivares, a quem acusa de fomentar guerras “a fine de non dar coll’ozio e quietà della pace campo alle speculazioni di i suoi emoli” (I, p. 85). Ou, no caso de Pernambuco, de não ter-se êle dado conta da real ameaça holandesa, admitindo que os invasores não tinham suficiente poder militar para dominar país tão vasto como o Brasil, nem subjugar o organismo político-social estabelecido pelos portugueses, pelo que “sempre el Conte Duca nella sua paliata opinione diche consumate lentamente gli Olandesi nel Brasile non acarebbero potuto longamente dimorarvi, inviava in quella regione assai scarsi e limitati soccorsi” (I, p. 133). Na verdade, as espaçadas tentativas espanholas para recuperar o Brasil ocupado pelos holandeses (ao todo, apenas três, em 1631 com Oquendo, em 1635 com Lope de Hozes e em 1638 com o Conde da Tôrre), foram consequência da grave situação das finanças espanholas, dos encargos militares na Europa, das dificuldades de abastecer as esquadras e de reunir a soldadesca necessária. Na sua animosidade ao govêrno espanhol, Frei Santa Teresa chega a afirmar que o Conde de Bañolo teria, “como si crede, segreta istruzione della Corte di moderar l’animose risoluzioni dell’Albucherche”, isto é, de Matias de Albuquerque, de repulsa aos invasores (I, p. 127).

Estas afirmativas menos exatas com relação à atitude do governante espanhol em face da situação brasileira são de estranhar, pois exatamente a maior qualidade da *Istoria* está, a meu ver, em situar o episódio da guerra do Brasil no contexto

da história da Europa Atlântica; em apreciar o episódio quer do ponto de vista americano, quer do ponto de vista europeu, cousa que só os autores do século XIX em diante realizaram. Frei Santa Teresa, entre todos os historiadores coloniais daquela guerra, veio a dar ao fato, nos fins do século XVII, a sua ampla textura histórica.

Relacionar a história brasileira com a européia, neste episódio da invasão holandesa do Nordeste, mesmo resumidamente, como é o caso, parece-me ser a contribuição principal da *Istoria*, tão deficiente em muitos pontos e tão eivada de erros em outros. O livro é uma carência quase total de datas, e não fôsse o fato de os capítulos apresentarem indicação do ano a que se refere a narrativa, poder-se-ia afirmar que o texto não as aponta. É clara (e declarada, aliás) a intenção do Autor de escrever para estrangeiros os sucessos gloriosos de Portugal na luta contra a potência que, em meados do século XVII, detinha a primazia do poder militar.

Já ficou indicado antes que o Autor se utilizou da coleção cartográfica reunida pelo Cardeal Ottoboni, de cujos “esatissimi originali” mandou “con gran studio” extrair cópias para ilustrar a *Istoria*. Ninguém indicou, ao que me consta, de que originais se trata, nem mesmo o autor da melhor bibliografia do domínio holandês. Tentarei fazê-lo aqui. Os “esatissimi originali” procedem das três coleções seguintes: os desenhos de Frans Post, os levantamentos cartográficos devidos a Jorge Marcgrave, uns e outros publicados na obra de Casper van Baerle, no comêço dêste citada, e os mapas de Johannes Vingboons. Êste, como é sabido, foi o cartógrafo oficial da Companhia das Índias Ocidentais (Companhia Velha) e deixou alguns atlas com mapas da área concedida em privilégio pelos Estados Gerais dos Países Baixos à mencionada Companhia. Dêsses atlas um está na Biblioteca do Vaticano, onde sua procedência é atribuída à livraria da Rainha Cristina da Suécia, embora seja sabido que o tal atlas não consta do catálogo da mencionada livraria, que entrou, como já ficou dito, para a Biblioteca do Vaticano, por compra feita ao tempo do pontificado de Alexandre VIII, que é o mesmo Cardeal Ottoboni. Pela informação que nos transmite Frei Santa Teresa, fica-se sabendo que os “esatissimi originali” eram pertença do

próprio Ottoboni e de sua posse devem ter passado para o Vaticano, onde hoje se encontram. (4)

O "Indice delle carta geografiche, piante e prospetti delle Provinvie, Città e Fortezze delle quali tratta questa *Istoria*" relaciona tôdas as ilustrações incluídas na obra. Por êle faz-se a relação abaixo:

Vol. I, pp. 2/3 "Carta geografica generale di tutto il Brasile", que reproduz o mapa de Johannes Blaeu atribuído ao ano de 1640 e dedicado ao Coronel Areiszewsky. O título do original é o seguinte: "Brasilia Generis nobilitate armorum et litterarum scientia prestantissimo Heroi Christoph ab Artischau Arciszewsky nuper in Brasilia per triennium Trihunum militum Prudentiss. Fortiss. Felisse. tabulam hance pronocultu. D.D.D. Excudebat Johannes Blaeu". (5)

Id., pp. 18/19 "Carta geografica delle Provincie della Baia e Sergipe": procede de Vingboons. O mapa correspondente do atlas da Biblioteca do Vaticano (isto é, de Ottoboni) foi publicado por Wieder, *Monumenta Cartographica*, estampa 86. (6)

Id., pp. 20/21 "Carta geografica della Provincia di Pernambuco": baseada inteiramente na mapa de Marcgrave, de quem copia o quadro explicativo das convenções cartográficas, mantendo inclusive topônimos holandeses, como por exemplo (do sul para o norte): Witehuys, Melckuy (sic), Zuidergadt, Haerlem, Noorthorn, Noordes gadt, etc. (7)

Id., pp. 22/23 "Carta geografica delle Provincie di Rio Giannero e di San Vincenzo": procede de Vingboons, cuja carta da Biblioteca do Vaticano foi publicada por Wieder, *Monumenta*, estampa 91.

Id., *ibid.* "Carta geografica della Provincia del Re", isto é, do Rio Grande do Sul e da Colônia do Sacramento: procede de Vingboons conforme descrição que Wieder faz dos mapas 10 e 11 do volume II (da América) do atlas dêsse autor, existente na Biblioteca do Vaticano: vide texto da *Monumenta* cit., p. 121.

Id., *ibid.* "Pianta di San Vincenzo": procede de Vingboons, *Monumenta* cit., p. 124 n.º 61. Na Coleção de mapas de Vingboons existente no Instituto Arqueológico Pernambucano há um exemplar desta planta. (8)

Id., pp. 24/25 "Carta geografica delle Provincie del Pará e del Maragnone": procede de Vingboons, *Monumenta* cit., p. 121 n.ºs. 3 e 4 e estampa 83 (2). Na coleção citada do Instituto Arqueológico ocorrem exemplares dêsses dois mapas.

Id., pp. 60/61 "Pianta e geografia della marina e città della Baia": procede de Vingboons, *Monumenta* cit., p. 124 n.º 58, que insere o plano da cidade do Salvador. Na coleção do Instituto Arqueológico há um exemplar da planta da Bahia, mas aí o plano da cidade do Salvador constitui mapa independente.

Id., pp. 66/67 "Carta geográfica delle Provincie dello Spirito Santo e Porto Seguro": procede de Vingboons, *Monumenta* cit., p. 121 n.º 8. Há exemplar correspondente na coleção do Instituto Arqueológico.

Id., pp. 82/83 "Veduta del gran Porto della Baia": procede de Vingboons, *Monumenta* cit., p. 124 n.º 59. Há exemplar correspondente na coleção do Instituto Arqueológico.

Id., pp. 100/101 "Piante di diverse Fortezze". A da Fortaleza de Orange procede de Vingboons, *Monumenta* cit., estampa 87 (2); a de Fortaleza do Cabo de Santo Agostinho procede de Vingboons, *Manumenta* cit., p. 123 n.º 52; a das Fortalezas do Príncipe Guilherme e de Pôrto Calvo procedem igualmente de Vingboons, *Monumenta* estampas 87 (1) e 88 (1), respectivamente. De tôdas estas quatro plantas há exemplares correspondentes na coleção do Instituto Arqueológico.

Id., pp. 110/111 "Carta geografica dell'Isola d'Itamaracá": procede de Vingboons, *Monumenta* cit., estampa 47 e com elementos recolhidos do mapa correspondente de Marcgrave, publicado na obra de Van Baerle.

Id., pp. 116/117 "Carta geografica della Provincia di Paraiva": procede de Vingboons, *Monumenta* cit., estampa 46 e com elementos recolhidos do mapa correspondente, na obra de Van Baerle, citada.

Id., pp. 134/135 "Prospetto e pianta della Fortezza di Rio Grande": procedem de Vingboons, *Monumenta* cit., p. 123, n.º 42 e 43, que correspondem a estampas semelhantes na obra de Van Baerle.

Id., pp. 198/199 "Carta geografica delle Provincie del Seará e del Rio Grande": procede de Vingboons, *Monumenta*

cit., p. 121 n.º 5 e 6. Dêstes dois mapas há exemplares correspondentes na coleção do Instituto Arqueológico.

Vol. II, pp. 44/45 "Pianta delle Città di San Luigi, metropoli del Maragnone": procede de Vingboons, *Monumenta* cit p. 123 n.º 40.

Id., ibid. "Prospetto dell'istessa Città": procede do desenho de Frans Post na obra de Van Baerle e também incluído na coleção Vingboons da Biblioteca do Vaticano, *Monumenta* cit., p. 123 n.º 41.

Id., pp. 78/79 "Prospetto della Città di Paraiva": procede do desenho de Frans Post na obra de Van Baerle, também incluído na coleção Vingboons da Biblioteca do Vaticano, *Monumenta* cit., p. 123 n.º 46.

Id., pp. 154/155 "Pianta della Città e porto de San Sebastiano, metropoli del Rio de Giannero": procede de Vingboons, cuja carta da Biblioteca do Vaticano foi publicada na *Monumenta* cit., estampa 90.

Id., pp. 156/157 "Pianta della Città di Loanda metropoli del Regno di Angola": procede do mapa correspondente publicado em Van Baerle e da coleção Vingboons, na Biblioteca do Vaticano, vol. III, relativo à África, *Monumenta* cit., p. 125 n.º 23.

Id., ibid. "Veduta dell'istesa Città", procede de desenho de Frans Post na obra de Van Baerle, também incluído na *Monumenta* cit., p. 125 n.º 24.

Id., pp. 202/203 "Pianta del Reciffe e città Maurizea, metropoli di Pernambuco": procede do mapa publicado por Van Baerle e de que há correspondente na coleção Vingboons da Biblioteca do Vaticano, *Monumenta* cit., p. 123 n.º 50. Entretanto a gravura da *Istoria* está lamentavelmente deturpada, tendo nela sido feito um acréscimo à área do bairro do Recife, para dentro do pôrto, produto de imaginação.

Id., ibid. "Prospetto dell'istessa città": procede (mas sem boa reprodução artística) do magnífico panorama de autoria de Frans Post, na obra de Van Baerle.

Além das ilustrações acima relacionadas há ainda três outras na *Istoria*: uma falsa folha de rosto com a representação de uma índia (o Brasil) recebendo de Nossa Senhora os benefícios da Religião Católica, representada no Santíssimo Sa-

cramento, por intermédio de Portugal; e dois retratos, um de D. João IV e outro de D. Pedro II. São, tôdas três, obras de André Horácio, gravadas por Bento Farjat.

NOTAS

(1) Ao Exmo. Sr. João Rodrigues Pires, proprietário da livraria O Mundo do Livro, de Lisboa, devo a bondade de permitir-me conservar por vários meses um exemplar magnífico desta obra, de sua propriedade.

(2) José Honório Rodrigues, *Historiografia e Bibliografia do Domínio Holandês no Brasil* (Rio, 1949) p. 147 e *Historiografia del Brasil. Siglo XVII* (México, 1963), p. 77.

(3) Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana* 2 vls. publicados (ed. facsimilada da Atlântida Editora) (Coimbra, 1965-66), II, pp. 676/677. Mão contemporânea escreveu na folha de rosto da 1.ª edição de *Istoria* que se guarda na Biblioteca Nacional de Lisboa (Res. 402 Azul) que o autor era filho de Francisco de Lornha (sic) e de sua segunda mulher Ana Batista.

(4) Sobre Johannes Vingboons ver J. Keuning, "Johannes Vingboons, teekenaar, graveur en kartograaf", *Het Boek* (nova série) vol. XXII, fascículo 1, Haia 1933-34, pp. 53/66. Com relação ao atlas, cuja procedência é atribuída à livraria da Rainha Cristina da Suécia, mas que agora se verifica que era pertença do Cardeal Ottoboni, depois Alexandre VIII, veja F. C. Wieder, *Monumenta Cartographica. Reproductions of unique and rare maps, plans and views in the actual size of the originals, accompanied by cartographical monographs* 5 vls. in fôlio (Haia, 1925 33), IV p. 117, onde diz o Autor: "The volumes belong to the library of Queen Christina of Sweden, which passed after her death to the library of Queen Christina of Sweden, which passed after her death to the Vatican. They were not entered in the original catalogue of her library, but were recognised as belonging to the Queen's Library by Mgr. Ste. Le Grelle in 1923" (grifo meu).

(5) Este mapa de Blaeu foi publicado avulso e no seu *Atlas Maior Sive Cosmographiae Blaviana* 11 vls. (Amsterdam, 1662), XI, pp. 213/214. É atribuído ao ano de 1639. A "Carta geográfica generale" da *Istoria*, que traz a data de 1698, tem sido citada como documentando a existência então da atual Cidade de Campina Grande na Paraíba: Luís da Câmara Cascudo, *Geografia do Brasil Holandês* (Rio, 1956), p. 217 e Elpidio de Almeida, *História de Campina Grande* (Recife, 1963), p. 35. Entretanto o topônimo não aparece no mapa citado, devendo-se atribuir a alguma confusão a referência feita.

(6) A obra de Wieder, *Monumenta Cartographica* está cit. na nota 4.

(7) Os mapas de Jorge Maregrave estão publicados em Caspar van Baerle ou Barlaeus, *Rerum per octennium in Brasilia* (Amsterdam, 1647), de que há traduções, com reprodução dos mapas e gravuras, para o holandês (Haia, 1923) e para o português (Rio, 1940).

(8) O Instituto Arqueológico possui uma coleção de mapas da América do Sul, especialmente do Brasil, de autoria de Johannes Vingboons, adquirida em Amsterdam por José Higinio Duarte Pereira aos conhecidos antiquários Frederik Muller & Co. em 1886 e proveniente do leilão do livreiro daquela cidade H. G. Bom (7 de setembro de 1885). Veja-se a descrição em Wieder, *Monumenta Cartographica* vol. IV, pp. 128/129.